

Resenha

NADER, Maria Beatriz. *Paradoxos do progresso: a dialética da relação mulher, casamento e trabalho*. Espírito Santo : Edufes, 2008, 284p., ISBN: 978-85-7772-031.

*Tânia Regina Zimmermann**

Maria Beatriz Nader é professora da Universidade Federal do Espírito Santo, membro da academia Feminina Espírito-Santense de Letras, autora da obra: “Mulher, do destino biológico ao destino social” e de diversos artigos sobre mulheres e relações de gênero. Nesta publicação, a autora constrói um panorama histórico centrado na cidade de Vitória, Espírito Santo, principalmente na segunda metade do século XX. No contexto figuram as mudanças econômicas, culturais e sociais vividas pelas mulheres. Para entender as mudanças no comportamento feminino, Nader recorreu em alguns instantes de análise ao uso da perspectiva de longa duração. Nesta abordagem se inserem permanências e mudanças nas relações de gênero com ênfase na conjugalidade e no modelo ocidental de família cristã.

O leque de análise na obra aumenta a partir da necessidade de dar conta do jogo paradoxal vivido por mulheres no mundo do trabalho. Destarte, a autora inova nesta pesquisa através do uso da categoria gênero para explicar este jogo. O aumento da participação das mulheres no mundo do trabalho remunerado para a sobrevivência de si e de seus familiares, a realização pessoal e a profissionalização em áreas restritas anteriormente para homens fazem parte das novas configurações de gênero analisadas pela autora. Para esta ampla pesquisa, a autora utiliza-se das seguintes fontes: livros de registro civil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e entrevistas com 10 mulheres que casaram e se separaram entre 1970 a 2000.

O livro foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, a autora apresenta a história do desenvolvimento econômico do Estado do Espírito Santo. Para tanto, tece considerações sobre a decadência da cafeicultura naquele Estado, bem como sobre a introdução e o desenvolvimento da industrialização na capital, nas décadas de 1970 e 1980. O capítulo aqui proposto se encerra com a

* Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Correspondência para/Correspondence to: Tânia Regina Zimmermann, UEMS, Rua José Luis Sampaio Ferraz Vila Giseli, CEP 79990-000, Amambai, MS, Brasil. E-mail: <zimmermanntania@hotmail.com>.

formação de um mercado de trabalho enquanto um imperativo social, no qual as mulheres também são inseridas não apenas pelas conquistas feministas em relação ao acesso a formas de remuneração, mas também pela possibilidade de empresários obterem lucros com o assalariamento do trabalho feminino. Neste texto destacam-se as estruturas econômicas e sociais nas quais se operaram as mudanças nos comportamentos de mulheres moradoras em Vitória, principalmente em relação ao casamento. A ênfase da análise recai sobre a dissolução do matrimônio e na possibilidade de realizar casamentos mais tardios para as mulheres.

O segundo capítulo é apresentado a partir da historicidade do casamento em uma perspectiva de longa duração no mundo ocidental (do século XII ao século XX) Destarte, a autora delinea representações das relações conjugais e mudanças em relação às expectativas sociais construídas para mulheres e homens. Para Nader, o sentido dado a moralidade cristã transformou o casamento em um sacramento condenando-o a ser válido para toda a vida, quase indissolúvel. Mas, observa a autora que esta moralidade, ao subjugar a liberdade de dissolução do matrimônio não estruturou condições para que o casamento subsistisse a falta de afetividade entre os cônjuges e ainda tolerasse o adultério masculino. Porém, o contexto internacional de mudanças advindas com a Segunda Onda Feminista e outros movimentos de mulheres pelo direito a uma vida com dignidade, respeito ao corpo e as subjetividades não ficou sem ressonâncias na capital capixaba. Havia no século XX um maior contato com um mundo que oferecia outros projetos de vida conjuntamente ou além do casamento, agora possível para todas as classes sociais, principalmente com a aprovação da lei do divórcio, em 1977, no Brasil.

O fio condutor deste segundo capítulo pauta-se na compreensão da necessidade e possibilidade de sobrevivência com ou sem companheiros e na construção de novos projetos de vida para muitas mulheres. Esse processo afrouxou muitos esquadrinhamentos sociais e identificações para elas construídas na longa duração, quando elas foram em busca de um trabalho remunerado, da realização profissional e pessoal. Com os dados quantitativos foi possível produzir algumas variáveis em relação às qualificações profissionais e a idade em que as mulheres se casavam. Este tema é desenvolvido no último capítulo.

“O tecido da vida feminina e o fio do trabalho” é o terceiro capítulo que tem como propósito apresentar a relação paradoxal criada para e pelas mulheres no que tange as adaptações ou não ao casamento e ao acesso a profissionalização feminina. O casamento representava para muitas delas a construção de um modelo de família fundado no princípio do amor materno e, para tanto, as mulheres deveriam ser confinadas à esfera privada, como esposa educada para o seu destino: gerar e educar os filhos. Embora as ações de muitas mulheres não se restringissem apenas ao privado, prevalecia para elas o imperativo da maternidade, a aceitação da infidelidade do parceiro, entre outras formas de dominação masculina. Assim, nos paradoxos do progresso, aceitava-se o trabalho e a profissionalização das mulheres, mas continuavam prisioneiras das atividades ligadas à maternidade e ao lar. Com a profissionalização muitas mulheres de diferentes classes sociais passaram a construir novas relações no interior da família. A autora considera que no acesso a profissionalização feminina inscreve-se o rompimento com algumas desigualdades de gênero na medida em que muitas mulheres percebiam a possibilidade de terminar com casamentos cujos maridos às vezes eram agressivos, infiéis e pouco participativos na vida familiar.

No conjunto da obra, a autora conclui que mulheres que trabalhavam fora de casa tinham maior autonomia em romper com uniões conjugais infelizes do que aquelas que dependiam economicamente de um parceiro. Assim, o poder econômico das mulheres podia interferir na duração de um casamento. Assertiva esta presente nas fontes orais, cartoriais e estatísticas pesquisadas pela autora.

Por fim, as novidades nesta obra centram-se na análise de mudanças na apropriação das representações sobre o casamento e o trabalho remunerado para as mulheres. Ao perceber este processo, a autora traz para a cena histórica a atuação de inúmeras mulheres que por necessidade e vontade de serem felizes teciam novos fios para seu gênero no cotidiano da cidade de Vitória. Embora no conjunto da obra denota-se em parte uma divisão binária entre os gêneros, a abordagem e as demais categorias explicativas utilizadas pela autora podem ajudar na formulação de outras perguntas para pesquisas nas relações de gênero, trabalho e casamento.

Recebido em 30/11/2010, aprovado em 10/01/2011.